

Valter Hugo Mãe

Contos de cães e maus lobos

prefácio de
Mia Couto

*café
na porta
Jorge, menino
João, menino
pão redondo
meu cão
João, gato
deite nitida
Daniela, nunes
Alto redigues
que, agosto
com, nunes
Sandra de...*

Índice

Um pequeno prefácio para contos gigantes 7

Arte de Ana Aragão

A MENINA QUE CARREGAVA BOCADINHOS 15

Arte de Paulo Damião

O MENINO DE ÁGUA 31

Arte de David de La Mano

QUERIDO MONSTRO 41

Arte de Filipe Rodrigues

A PRINCESA COM ALMA DE GALINHA 53

Arte de Joana Vasconcelos com Alice Vasconcelos

O ROSTO 73

Arte de Daniela Nunes

O RAPAZ QUE HABITAVA OS LIVROS 87

Arte de Nino Cais

MODO DE AMAR 99

Arte de Luís Silveirinha

O MAU LOBO 107

Arte de Cadão Volpato

AS MAIS BELAS COISAS DO MUNDO 117

Arte de José Rodrigues

QUATRO VELHOS 129

Arte de Graça Moraes

BIBLIOTECAS 143

Arte de JAS

NOTA DO AUTOR 153

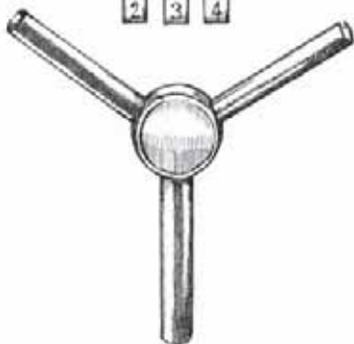
Arte de Duarte Vitória

Prefácio

ARTE DE ANA ARAGÃO



0	1	2
1	2	3
2	3	4



UM PEQUENO PREFÁCIO PARA CONTOS GIGANTES

Há anos, numa visita a Portugal, conheci Valter. Foi um encontro fugaz, nas margens de uma conferência. Ficou-me, desse breve encontro, o sentimento que ali estava alguém que se servia da timidez como um garimpeiro se serve do escuro. A partir desse acanhamento, Valter espreitava os mundos que há no mundo, as mil humanidades que há dentro de cada um de nós. Anos depois, essa inicial impressão confirmou-se ao ler os seus livros. Ali estava a colheita desse olhar perscrutador, dessa atenta escuta que não ficava pelas vozes mas buscava as infinitas histórias em que a vida se eterniza.

Há na escrita de Valter Hugo Mãe algo que nos desconcerta e nos fragiliza. José Saramago percebeu e celebrou esse talento do escritor. Tal como nos livros anteriores, há nesta antologia de contos o convite ao regresso a um recanto de que nunca saímos, um reencantamento de infância, uma cumplicidade de quem partilha vazios e silêncios. Há nas suas histórias um redesenhar de fronteiras entre mundos, um gentil sismo na nossa condição de leitores de livros e do universo. A intenção de usar o livro como “máquina de fazer sentir” já tinha sido anunciada por Valter. Nestas histórias, essa máquina opera dentro de nós sem outro material que

não seja um modo de nos deslocarmos por dentro, um modo de nos descentrarmos e estarmos disponíveis a sermos outros.

Está nestes contos aquilo que está em toda a sua obra: o questionar das nossas certezas mais fundas, uma visita às profundezas da alma. A escrita de Valter sugere, a todo o momento, que os outros somos nós mesmos. Como o rapaz que habitava os livros, nós passamos a encontrar uma luz interior num acto de revelação que se diz nocturno. Inverte-se então a relação entre a criatura e o criador: somos nós que somos lidos. E é por isso que estes contos, mais do que gigantescos, não têm tamanho.

Mia Couto, Moçambique, 2015

Este livro é dedicado à Mónica Magalhães

“Pássaros criados em gaiolas acreditam que voar é uma doença.”

Alejandro Jodorowsky

O menino de água

ARTE DE DAVID DE LA MANO





O menino nadou para depois de uma onda grande e não voltou. A mãe estendeu as mãos na água buscando o seu corpo diluído. Julgava ela que o filho se diluíra como um cubo de açúcar incapaz de adocicar o mar. Jurou que o buscaria sempre. Haveria de o reconhecer nem que ele se tornasse ínfimo. Saberá dele escondido na mais insignificante gota de água. Jurava. Se o seu menino estivesse por perto, ela nunca o ignoraria.

Nadou ao fim do mar, à boca dos tubarões, dentro do vazio das baleias, sob as barrigas cegas dos barcos, no pensamento dos peixes e nas suas costas, entre as areias, atrás das pedras e debaixo. Buscou na cintilação quando a luz entrava água adentro fazendo de tudo um cristal gigante, podia ser que o filho fosse agora uma estrela e só soubesse brilhar. A mãe olhava o brilho como se o brilho a estivesse também a observar. Esperava e, de todo o modo, ficaria para sempre a esperar.

Nunca secava o corpo porque a água era agora o seu menino. Molhava-se, estendia as mãos em redor como radares aflitos por um abraço e imaginava que a criança fazia as ondas. Talvez as ondas fossem um modo de falar.

E ela ondulava. Sentia as marés como a respiração do mundo a caminho. Sentia que o tempo todo era deslocação

e viagem. Era como sabia que a demora lhe criava uma distância insuportável, como se o planeta inteiro fosse constantemente para outro lugar. Como se o planeta inteiro estivesse a ir embora e ela precisasse de agir com urgência.

Ela também achava que o seu corpo a secar era uma partida contínua do filho. Quando sentia a roupa e a pele seca, dizia: partiu. Como se o filho levantasse do colo. De dormir no seu peito, como era costume. O menino evaporava talvez para observar as coisas desde as nuvens. A mãe ficava sozinha. Fechava-se em casa a recordar.

Pensava que o corpo do mar era o corpo do filho, sem distinção. O amargo do sal nunca a enganaria perante a falta dos beijos, a nostalgia dos beijos e a delicadeza da sua criança. Ela nadava dentro do filho. Era por causa disso que se estendia e só então acalmava.

Uma vez, a mãe encheu de água um enorme jarro que levou para casa sem entornar. Fitou-o perplexa. Resplandecia na luz da tarde igual a uma lâmpada líquida ou a uma estrela guardada. Cuidadosamente, abraçou o jarro e longamente o acarinhou. Era então um lugar do seu filho. Depois, a mãe afundou um soldadinho para que a água pudesse brincar. Ela disse: brinca, filho. A água aquietou-se. Talvez o menino apenas brilhasse para brincar.

A cada dia, assim repetiu até que a casa inteira fosse o mar. Um mar em vidros puros, transparentes, através dos quais ela o vigiava e expunha ao sol. Afundava lobos e carrinhos de corrida, super-heróis e dinossauros. Flutuava neles barquinhos de papel e afundava mais soldadinhos. Um exército

de brinquedos que, na transparência dos vidros, também esperava. E a mãe perscrutava o bulício das águas ou a maior cintilação para saber se o seu menino estava a comunicar.

Circulava igualmente aquática, bailarina cautelosa, por entre os vidros sagrados, e eles evaporavam lentamente como se, lentamente, sem que o percebesse ou confessasse, a mãe se vingasse ao matar o mar. Haveria de o ver evaporar jarro a jarro, o tamanho de um menino pequeno, até ao infinito. Amaria e culparia o mar até ao infinito.